

AMARRAÇÃO

MOASIPRIANO



MOASIPRIANO.COM

AMARRAÇÃO

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

Décio era louco por Roberval.

Louco, alucinado, possessivo.

Bastava o cafuçu comprar um simples prego na sua loja para que Décio uivasse em desalinho, sem conseguir disfarçar o delírio diante da boa saúde do pedreirozinho forasteiro.

Aquela louca paixão platopintônica já se arrastava por quase três anos!

Três anos de agruras e de trilhares de socamentos pintúnicos batidos num banheiro fétido nos fundos da loja, enquanto imaginava delírios com o moreno baixinho e truncudo, com cara de Lobo Mau.

Roberval nem se dava conta da presença babante do Sr. Décio. Durante anos, o pedreiro fazia suas comprinhas a mando de Ximbó, o patrão-empregado focinho de porco que morava em Sorocaba e que davas as fuças na Ilha Comprida a cada quinze ou vinte dias, só para conferir o andamento das suas famosas obras de estruturas duvidosas.

Toda terça, Roberval adquiria o necessário para ser usado na semana e logo retornava para o seu mundinho carregado de cimento e blocos ásperos, levantando fofas casas de veraneio para turistas de-vez-em-quando.

Durante as raríssimas horas de descanso, para aplacar a dor da saudade da terra materna e de sua mãe e das irmãs e das cabritas, após rodadas de cerveja barata em bares decadentes o pedreiro até gostava de pegar outros rapazes que pudessem lhe proporcionar alguns instantes de carícias, escondidos atrás de uma duna qualquer.

E quem disse que cu de bêbado não é um parque de diversões alheias?

Décio já sabia dos caprichos do moreno e sonhava em um dia colocar seu pinto torto no meio daquele par de rígidas nádegas suculentas, lisas, profanas.

* * *

Num belo domingo ensolarado, próximo à praça de artesanato, caminhando apressado pela Avenida Beira-mar e assim fingir eliminar a barrigorda, Décio esbarrou num moleque que distribuía panfletos amarelos, cagadamente impressos, onde letras garrafais em preto anunciavam a chegada, na Ilha, – por tempo limitado! – do iluminado Pai Benedicto de Ochóci.

Oh não, não, não. Não há erros de grafia!

Era um pai poderoso com “ch” e “c” mesmo... de acordo com a numerolorota!

No papel barato, Pai Ochóci prometia mundos e fundos que garantiriam a felicidade suprema daquele que buscasse seus exclusivos serviços divinos.

Claro que em destaque havia uma tal de “amarração” que prometia trazer a pessoa amada em, no máximo, vinte e quatro horas!

Uia!

Décio não refletiu um minuto sequer. Sacou o celular do calção úmido e ligou pro número estampado em letrais garrafais no panfleto medonho.

Dois toques depois, uma voz fanhorina cheia de sotaque bambeestico/paraguaio/falsobaiano atendeu a ligação.

Hora e lugar de encontros marcados, Décio não cabia em si de tanta felicidade. O orçamento da tal da amarração não era tal alto assim para o seu poder aquisitivo. Afinal de contas, o que são três mil reais em trocar do amor e do sexo eterno ao lado do seu moreno-amado-carnudo-gostoso?

Num quarto escuro de uma pousada triste, abafada, suspeita; Pai Ochóci – devidamente trajado de sunguinha florida e bata brancomoduplação – gingou o corpo rechonchudo num cumprimento mal coreografado, acendeu um charuto falso que ele jurava de Havaianas juntas que era cubano e foi logo tratando de convencer o coitado do Décio a assinar o chequinho do Banco do Brasil.

Os três mil iniciais eram destinados para o ritual em si. Mas, é óbvio, Décio ainda tinha que comprar todo o material-de-santo necessário: uns trinta alguidares, vinte dúzias de velas brancas, setenta e duas velas vermelhas, doze garrafas de Velho Barreiro, dois quilos de mel “Superbom”, oito pacotes de Marlboro, seis vidros de perfume masculino de O Boticário... e mais dois quilômetros de uma lista interminável de produtos nada a ver.

Cego de dar dó, lá foi Décio providenciar os apetrechos divinos. Comprinha boba no valor de mil e tantos reais foram parar na próxima fatura do cartão de crédito já no limite.

Naquela mesma noite (*nóis num pódi perdê tempo, pois os “guia” num espéra*), na Ponta da Praia, onde a luz refletida da lua cheia iluminava com parco destaque a pantomima, Décio e Pai Ochóci rodopiavam em torno de uma estrela feita de riscos tortos na areia, iluminada por velas brancas.

Cantorias e rodopios, Velho Barreiro com mel Superbom descendo goela abaixo, uma enxurrada de gritinhos histéricos, banhos de água suja de restos de ervas e baforadas de cigarro detonavam a cabeça de Décio, maravilhado com o espetáculo circense proporcionado pelo Pai Maravilha.

Vinte minutos depois, aquele show gritava seu fim. Pai Ochóci já estava bêbad... *ops*, em transe, e o terceiro “guia” grunhia os últimos conselhos importantíssimos que fariam o pedreiro ficar, literalmente, de quatro por Décio já nas próximas horas.

* * *

O tempo estipulado... passou. Voando!

Naquela terça-feira, andando de um lado para o outro, Décio esperava impaciente seu amado dar as caras na loja.

Era dia de comprar cimento. O pedreiro nunca deixava de aparecer.

E assim o dia foi embora. E, assado, o prazo foi pras cucuias.

Nadica de nada. Nem cheiro almiscarado do moreno.

A noite começou chuvosa. Décio não perdeu tempo. Pegou o carro e foi de bar em bar caçar o amado que ele acreditava que já era seu.

Não precisou sapear muito. Encontrou Roberval no quinto muquifo visitado. Aquele famoso, bem ao lado da Prefeitura.

O pedreiro já estava na sua terceira rodada etílica. Décio só observava, contando os minutos para oferecer uma carona ao bofe solitário.

Enfim, o momento triunfante, pensou Décio. Que desperdício apropriado.

O pedreiro saiu tortinho do bar. Alguns metros longe do inferno, afastado de olhares curiosos e fofoqueiros, Décio abriu a porta do Meriva e ofereceu uma carona. Ganhou um sorriso imperfeito e desconfiado do moreno mais pra lá do que pra cá.

“Eu *ti*... conheço”, rosnou Roberval, complementando: “Sim, eu *ti*... conheço... lá da loja... você é o dono, né *mermo*?”

Que felicidade para Décio. Sim, ele era o dono. Agora ele sentia que era o verdadeiro dono do mundo! Finalmente seu caro objeto de desejo estava ali, a dois palmos de distância dos prazeres incomensuráveis.

Pela estrada afora... *la, la, la, la, la!*

O que aconteceu em seguida foi uma humilhação só.

Décio, desengonçado, procurou um beijo do amado. Ganhou uma dolorida e decidida mordida na língua. Gaguejando, implorou por um instante de alegrias com o pedreiro, já que “ele saía com todo mundo mesmo”!

“É verdade. Quando eu tô com fogo no rabo, eu saio mesmo. Mas tem um detalhe: eu gosto de transar com homem. Homem com jeito de homem, não com um, um... bambee enrustido feito você!”, gritou Roberval, ofegante, procurando em desespero a alavanca para abrir a porta.

“Mas... eu *como*! Eu sou meio delicado assim, é verdade. Mas eu sou Ativo!”, esperneou Décio, sambando o carro, desnorteado na direção.

Rindo por escanteio, provocante, Roberval silenciosamente abaixou o calção, mostrando o pinto sem vida e a bunda carnuda parcialmente exposta, insinuante, chamativa, oferecida.

Décio, extasiado e apalermado, tratou logo de tirar o dolorido pau em “s” para respirar, enquanto acariciava aquela pele macia, cheirando a sal e álcool.

Roberval deu um tapa certo na mão de Décio.

“Aqui, seu porra, você não encosta nem sequer a cabeça do teu cacete. Eu nunca vou transar com você. Quer saber por quê? Porque você *não fazer* o meu tipo... em nada!”

Roberval gritou, xingou, exigiu que Décio parasse o carro.

O pedreiro escancarou a porta do Meriva prata, enquanto ajustava seus trajes baixos. Encarando um boquiaberto Décio azulado, o moreno ainda soltou cinco minutos de impropérios a fim de tombar de vez a esperança alheia.

Décio voltou para casa, desolado, ao som de Adriana Calcanhotto. Havia perdido tempo, dinheiro e o respeito de um homem que jamais seria seu na cama... ou fora dela.

* * *

Desnecessário afirmar que na manhã seguinte, ao procurar novamente Pai Ochóci das Candongas do Tabulelê para saber o que havia dado errado na tal da *Amarração*, o dito-cujo sacana já havia abandonado a ilha de véio, depois de sacar o dinheiro dos otários na Caixa em Iguape, ganhando assim o mundo à procura de outro “décio” ignorante e egoísta; quem não mede

esforços e recursos para forçar alguém a ficar ao seu lado a contragosto, apenas pelo prazer insano do calor de um corpo, já que o coração do pretendente jamais se uniria ao seu.

* * *

Décio... escrevendo em seu diário:

“... o tempo passou. Aprendi a lição. Descobri que muitas vezes a gente é pego de surpresa caindo de maduro diante de alguém que nos chama a atenção. Sabe como é: pinta aquele tesão desvairado, aquele desejo quase que possessivo de ficar ao lado de determinado cara.

Ignorantes e selvagens, acreditamos que nossos sentimentos são alicerçados no Amor e quando não conseguimos conquistar o *ser amado* pelos métodos convencionais (conversa, confiança, amizade, respeito, companheirismo, etc), ficamos *alôcas* e tratamos de caçar o primeiro pai-mãe-filho-de-santo-espírito-de-asno que aparece na nossa frente, gastando os tufos para ‘comprar’ aquele que julgamos ser de nossa propriedade.

O que mais me dói é saber que existem milhões de Pais Ochócis em cada esquina, usando da boa fé das pessoas, deturpando uma religião tão rica e bela como o Candomblé (ou Umbanda, que seja), em benefício próprio.

O mais impressionante é que ainda existe gente burra (sim, pois essa é uma atitude totalmente imbecil) que cai nessas enrascadas, seja nas mãos de falsos pais-de-santo, falsos pastores, falsos videntes, etc.

Descobri que a partir do instante em que não temos afinidade com uma pessoa e exigimos dentro de nós mesmos que ela deve ser nossa a qualquer custo, seja para brincadeiras na cama ou até mesmo para viver (forçada) ao nosso lado, tal relação está fadada ao fracasso absoluto, retumbante, certo.

No caso dos gays não assumidos, assim como eu, a situação ainda é mais grave, pois o que tem de Bambee desesperada que faz de tudo pra ficar com um Bofie...

O que ocorre é que depois de se foder na mão dos salafrários, viados como eu cometem um erro atrás do outro na tentativa de captura da próxima presa.

Passamos a perseguir Robervals da vida em tudo quanto é lugar; nos

fazemos de vítima e afirmamos que vamos nos matar se não darmos ao menos umazinha com o sujeito; nos colocamos em situação de riscos totalmente desnecessários ao nos envolvermos com homens que muitas vezes não têm a índole lá essas coisas e que por piedade ou interesse (claro que a segunda opção é esmagadora), fica com a Lôcaburra aqui por um tempo, dá um belo trato no rabo da coitada (sem direito a beijinhos!) e depois foge pelo mundo levando tudo o que a lindinha levou uma vida inteira para conquistar.

O mesmo vale para Ativos que sonham em dominar um rabo selvagem, bêbado, enrustido.

Ai meu Caixa Dois da minha loja Um! Se a ex-patroa descobre...

É foda, mas não há outro jeito. Aprendi que quando você se interessar por um cara, tentar conversar com ele, tentar se aproximar, mas de repente sacar que vocês dois não têm nada a ver, você deve se dar o respeito, assumir a volta por cima e continuar na sua busca, pelo menos na busca de homens com a mesma afinidade.

De nada adianta forçar uma situação, seja ela de que tipo for. No final, tudo o que sobra é a frustração, a desilusão, a decepção de ter dado um belo tiro no pé... além da dor intrínseca que isso acarreta nos miolos moles da cabeça dura da gente, não é mesmo?

É foda gostar de alguém que não gosta da gente. É foda se sentir rejeitado. Mas a beleza de qualquer relação precisa estar alicerçada na confiança e no respeito, senão nada, absolutamente nada fica em pé – em todos os sentidos.

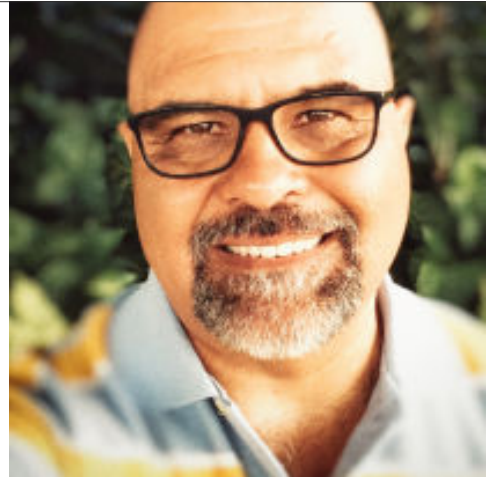
Sexo fácil encontramos em cada esquina, em cada porta de bar ou de igreja. Já o Amor, não adianta, ele somente se manifesta quando chega a hora exata, o momento certo, quando rola a química ideal.

Amor é merecimento. Ponto final.

E enquanto não tomarmos atitudes centradas e respeitarmos os nossos limites, vamos continuar a sofrer na mão de pessoas desonestas. Vamos continuar sendo humilhados por homens que não querem nada com a gente ou, se aceitarem nossa sandice, são capazes de nos comer ou dar pra nós por piedade ou duas notas de vinte, para assim se esbaldarem gastando nosso dinheiro em prazeres melhores, proporcionados pela bebida ou por outra viagem qualquer...”

P.S. “Adeus, Roberval. Precisei de quase três anos para aprender de vez a minha lição. Agora, minha AMARRAÇÃO se dá por espíritos afins. Eu ainda vou encontrar o cara que vai gostar de mim-eu-mesmo. Eu vou esbarrar num homem que sentirá prazer em permanecer ao meu lado... naturalmente...

... e viceversavesso!”



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
